

13. Cristo revela e preenche a nossa solidão

Como mostram-se imediatamente feios os nossos rostos quando estão ensombrecidos, abatidos, tornados escuros e fechados por um olhar de inveja, de antipatia, de desprezo. São Paulo o exprime introduzindo o hino da *kénosis* e glorificação de Cristo na carta aos Filipenses: “Nada façais por rivalidade ou vanglória, mas cada um de vós, com toda humildade, considere os outros superiores a si mesmo. Cada um não procure o próprio interesse, mas também o dos outros. Tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus...” (Fl 2, 3-5).

Isto é: tende em vós o olhar manso e humilde de Cristo sobre vós mesmos e sobre todos.

É isto o que São Bento quer quando pede que os irmãos “antecipem-se uns aos outros em honra” (RB 72, 4).

Por que caímos tão facilmente neste abatimento do nosso rosto, do nosso olhar feito para elevar-se no desejo do infinito, de Deus, no desejo que nos eleva, que mantém alto o nosso rosto?

O problema é uma falta de verdade, de verdade do olhar sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre Deus. Como o exprime bem São Paulo, acompanhando o olhar dos Filipenses do abatimento fechado sobre si mesmos à contemplação de Jesus, dos seus sentimentos que se revelam na parábola pascal da sua vida. Como se dissesse: “Se quereis aprender como se eleva o olhar, se quereis conhecer o vosso verdadeiro rosto, olhai para Jesus, aprendei d’Ele; antes: assimilai em vós Jesus, os seus sentimentos, a sua relação com todos e com tudo, a sua relação com o Pai! Porque esta é a verdade do vosso rosto, isto salva a beleza e a bondade do vosso rosto, da vossa pessoa, da vossa vida, da vossa vocação, das vossas relações recíprocas.”

Como diz o salmo 33: “Contemplai a sua face e estareis radiantes” (Sl 33, 6). Quem olha para Cristo terá um rosto resplandecente da sua luz.

Por isso é essencial dar-mo-nos conta daquilo que acontece quando encontramos Jesus Cristo, do que significa e de como este encontro transforma ou gostaria de transformar a nossa vida, o nosso coração. Se queremos verdadeiramente que estar com Jesus seja um paraíso, devemos compreender o que muda Jesus na nossa vida e no nosso coração quando está conosco.

A primeira mudança que a presença de Cristo suscita na nossa vida é simplesmente que *já não estamos sós*. Os primeiros a compreendê-lo foram os pastores de Belém.

“Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda a seu rebanho. O Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz” (Lc 2, 8-9).

Cristo escolheu os pastores, como escolherá Zaqueu e os publicanos, como escolherá Marta, Maria e Lázaro, para mostrar a todos, ricos e indigentes, grandes e pequenos, santos e transviados, que tem compaixão de nós. Compaixão de quê? *Da nossa solidão*. Sim, estamos sós! Os pastores estão sós, Zaqueu está só, e todos os homens e mulheres do mundo estão sós.

“Mas, enfim – poderíamos todos objetar –, não é preciso exagerar! Temos as nossas famílias, os nossos amigos, os nossos confrades, os nossos colegas, estamos rodeados de tanta gente... Não estamos assim tão sós!”

Concordo! Mas também os pastores, também Zaqueu, até mesmo Maria e José, também a Samaritana ou Nicodemos, o centurião ou o bom ladrão, não sabiam, não pensavam que estavam sós antes do dia em que um anúncio ressoou na sua vida, no seu coração: “Nasceu-vos um Salvador; um Menino nasceu para vós! Ele está aqui para vós, para ti! Vem preencher a tua solidão, aquela que trazes dentro de ti desde sempre, mas que tanto enganaste, evitaste, preenchestes com tantas relações, encontros ou coisas, sem jamais conseguir saciá-la”.

Os pastores, nas longas noites estreladas da Palestina, deviam, de qualquer forma, experimentar aquela solidão, pois daquelas noites, daqueles silêncios, daqueles espaços infinitos e sem rosto, eles não podiam fugir, não podiam se enganar. Eram pobres demais para se darem ao luxo de evitar o encontro marcado do seu coração com a sua verdadeira solidão.

Uma frase do Irmão Roger de Taizé ressoa sempre em mim desde os tempos da minha longínqua juventude monástica: “*Je m’attache à vivre en homme qui sait sa part inéluctable de solitude* – Disponho-me a viver como um homem que conhece a sua parte inelutável de solidão” (*Ta fête soit sans fin*, Taizé, 1971, p. 147).

Na noite do nascimento de Jesus, quando apareceu “uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo: ‘Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!’” (Lc 2, 13-14), foi como se diante dos olhos estupefatos dos pastores se desvelasse a verdadeira beleza do céu: não uma infinidade de estrelas perdidas na escuridão do firmamento, mas uma jubilosa comunhão, a comunhão dos anjos que refletia sobre eles o amor de Deus, a glória amorosa da Trindade.

Que surpresa: no Céu não há solidão! Não tanto porque os seres celestes são inumeráveis, mas porque estão todos unidos no amor de Deus.

Mas, uma vez terminado o espetáculo, os pastores poderiam sentir-se ainda mais sós. Imaginem o silêncio depois de terem escutado o canto de milhares de anjos! Imaginem a escuridão depois de terem sido deslumbrados pela luz do Céu! Nenhum anjo permanece com eles para consolá-los no seu isolamento, na sua exclusão. Mas os anjos sabem que o coração do homem sofre de uma solidão que somente Deus pode consolar. Os anjos são inumeráveis e, contudo, mandam os pastores para junto de um só menino, pobre como um filho de pastores. Ele já está lá, está na casa deles, na sua morada de palha, esterco e pobreza. Jesus já reina sobre o reino da sua solidão.

Então correm ao encontro d’Ele, sedentos de consolação. Entram e veem. Uma mãe deitada, cansada do parto; José ocupado em organizar como pode o alojamento improvisado... E Ele! O Menino! Não há senão esta pequena família que vive na indigência o momento da sua maior alegria. Miríades de anjos vieram atrair os pastores para Ele, e ninguém, exceto este jovem casal, está junto do Menino?

Os pastores veem *a solidão de Jesus*. É como a deles, como aquela de todos os homens, de todos os corações. O Filho de Deus está só por compaixão da nossa solidão. Vive uma imensa solidão que nos espera, que precisa de nós, da nossa companhia, do nosso sorriso, da nossa lágrima de comoção.